

Sabbado. Acordo, com a alma cheia de sol. Sabeis que não ha sabbado sem sol? Não ha. Mesmo quando não ha sol no géo, ha sol dentro da alma da gente, n'este doce dia de sabbado,—doce para os catholicos, porque é o dia de Nossa Senhora,—doce para os collegiaes, porque é o dia da sahida,—doce para os operários, porque é o dia do pagamento.

Acordo, pois, com a alma cheia de sol, e, debaixo da ducha fria, pergunto a mim mesmo, com uma anciedade forte: «Aonde irás hoje, Fantasio? A que occupação entregarás os teus ouvidos e os teus olhos, antes da amargurada hora do trabalho? Em que ponto do Rio de Janeiro poderá um homem cheio de alegria passar uma hora tranquilla, longe dos discursos patrioticos e das explosões politicas?» E, já vestido, prompto a sacudir as pernas vagabundas pelas ruas de Sebastianopolis, torno a perguntar a mim mesmo, com o charuto entre os dentes: «Aonde irás hoje, Fantasio?»

N'isto apparece-me o carteiro. E' um velhinho amavel, que vem todas as manhãs trazer-me a correspondencia, dandome, com o mesmo sorriso affavel, as cartas cheia de lettras amadas, vindas das mãos perfumadas de uma creaturinha querida ou das mãos leaes de um amigo, e as cartas formidaveis, cheias da colera de algum jacobino furioso ou da santa indignação de um creado de confeitaria ferido nos seus brios...

Apparece-me o carteiro. Deseja-me affavelmente um bom dia, e entrega-me um envelope largo. Que será? Traz a assignatura do meu bello Bernardelli Rodolpho: «Em nome do Jury da Exposição, tenho a honra de convidar-vos a assistir ao vernissage que...» Oh! delicia não sonhada! Corro á Escola de Bellas Artes...

Vernissage é cousa que não houve no sabbado, nas duas bellas salas em que os nossos pintores expõem agora o producto do seu nobre e fecundo trabalho de todo um anno. Convidar a imprensa para o vernissage, é uma moda franceza, moda boa e razoavel, meio de dar aos jornalistas a occasião de uma visita *avant-la-lettre* á Exposição. Não se enverniza cousa alguma, n'esse dia. Os quadros já lá estão envernizados, catalogados, collocados com methodo e bom gosto nos seus respectivos logares, promptos a provocar a admiração dos visitantes. E' uma moda franceza. Que tem isto? Prefiro essas

delicadas modas francezas ás nossas modas brasileiras, que consistem em comer com a faca, em provocar conflictos nos dias de regozijo publico, e em discutir as cousas mais serenas da vida a páo e a tiro.

Quando cheguei á Escola de Bellas Artes, já uma pequena quantidade de gente boa estava de bocca aberta diante dos quadros. E que gente! Lá estava Lulú Senior, gordo e extasiado, dando aos olhos o repasto saboroso d'aquellas paysagens vivas, d'aquellas carnes quentes, d'aquellas agoas, d'aquelles céos, d'aquellas arvores, d'aquellas mulheres, palpitando nas télas; lá estavam Arthur e Aluizio, —dois irmãos pelo sangue e pelo talento; lá estava Coelho Netto, passeando pelo salão a sua face felina; lá estava Machado de Assis, olhando tudo com aquelle seu sorriso singular, meio feito de bondade, meio feito de ironia; José Verissimo, brasileiro como ninguem, extasiado diante de uma téla de Almeida Junior; Belmiro de Almeida, com a cabeça vivissima, espetada nos seus collarinhos de legua e meia de altura; Marques Guimarães, confiando amorosamente a sua barba de seda; os dois Bernardelli, Rodolpho e Henrique, muito cercados de gente, muito abraçados, muito beijados, como dois sujeitos queridissimos que são; Amoedo, muito felicitado pela belleza do seu *Passeio Matinal*; Parlagrecco, o *egregio*, muito fallador, indo de grupo a grupo, como uma carocha em tempo de chuva; Valentim Magalhães e Felinto de Almeida, *bradessus bradessus*, como nos bons tempos da velha *Semana*; e, para não fallar em mais ninguem, lá estava toda *A Cigarra*, sentindo-se bem n'aquelle meio alegre, em que havia talento como quatrocentos diabos, e a que a presença de meia duzia de senhoras bonitas dava um ultimo toque de graça e de perfume.

Comecei então a admirar a exposição.

Os trez trabalhos que prendem logo o olhar são: nas salas de pintura, *A aurora de 15 de novembro*, grande téla allegorica de Belmiro, e *A Redempção de Cham* de Broccus; e, na sala de esculptura, a *Moema* de Rodolpho Bernadelli. Que bello o quadro de Belmiro! a concepção, ousadissima, teve uma execução brilhante: as figuras tem um soberbo vigor de desenho e de colorido.—*A Redempção de Cham*, de Broccus, allia a uma rara delicadesa de ideia uma verdade assombrosa de execução. Ao centro, uma mulata, recém-mãe, olha embevecida o filhinho trefego, mulatinho quasi branco. A' esquerda, a avó da creança, velha preta retinta, levanta as mãos para o céu: e, á direita, o pae, luso branquissimo e robusto, coça o queixo, e sorri triumphante, com orgulho, muito convencido de que foi um milagre o que fez em transformar em branco o que era preto.—Da *Moema* de Bernadelli que hei-de eu dizer? Quando aquillo estiver feito em marmore, Rodolpho poderá gabar-se de ter dado ao Brasil uma obra immorredoura e gloriosa. Sobre o mar que ondula, (que vida, que movimento tem aquellas ondas de gesso!) a núa Moema vae boiando, boiando... Desnastram-se-lhe á flôr das agoas os cabellos que o limo empasta; meio mettida ao mar, a face, paralyzada pela morte, tem uma immobilidade dolorosa. A figura boia sobre o ventre: o dorso é modelado por mão de mestre e de grande mestre; e, sob as vagas, advinham-se as pernas... Que obra! Rodolpho chegou ao apogeu do seu talento: está em pleno outono artistico, em pleno periodo de fecundidade e de maturidade... Bravo, mestre! bravissimo, Rodolpho!

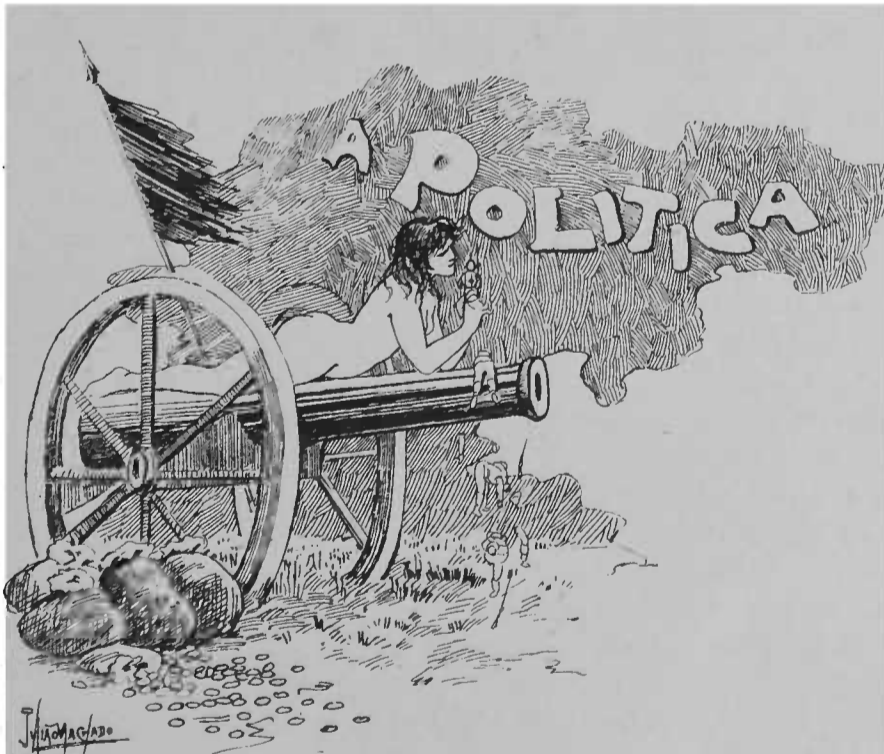
Esta chronica é escripta no mesmo dia da *vernissage*, ás pressas, porque na segunda-feira deve estar paginado o texto d'*A Cigarra*. Não me é, pois, possível dizer de todos os quadros, mesmo porque não tenho ainda á mão o catalogo. Henrique Bernardelli expõe vinte e nove quadros admiráveis. As suas florestas são pintadas com um calor verdadeiro, e as suas figuras têm um estudo assombroso: mas, já todo o mundo sabe que esta familia é uma familia de mestres. Vejam só o proprio Bernardelli Felix que lindas télas expõe!... Almeida Junior, o poderoso pintor paulista, apresenta-nos tambem este anno um trabalho abundante e admiravel. Almeida é talvez o mais *nacional* dos nossos pintores. *Cosinha na roça* parece-me uma obra-prima.

Preciso ainda fallar de Amoedo, que contribuiu largamente para o successo da exposição, com *Passeio Matinal*, *Rato do Sol*, o retrato que tem no catalogo o n 21, etc.; de *Weingartner*, que, entre muitas télas, expõe uma pequenina fantasia adoravel, *Druida*, de Aurelio, cujas paysagens e cujas *panneaux* decorativos foram vivamente apreciados; das *naturezas-mortas* de Baptista e Alexandrino; de Diana Cid, pintora do meu especial amor, triumphadora da exposição do anno passado, e que nos dá agora, além' do mais, um *retrato* espantosamente bello: — face triste e pallida, sobre fundo escuro em que sobem vagamente grandes lyrios roxos... Já fallei de Broccus e Belmiro: mas não quero deixar de me referir, do primeiro, á *Feticheira*: e, do segundo, a *Effetos de Sol* e *Céga*, duas telas preciosissimas.

**

Que seria porém de mim, que seria das outras secções d'*A Cigarra*, se eu fosse a mencionar todos os quadros da Exposição? A minha admiração é grande, mas o texto da folha é pequeno. Fico por aqui.

Fantasia.



Depois da Paz, a Amnistia. Virá? Não virá? Parece que sim. O jacobinismo do Senado e da Camara, como o das ruas, está estriando. Parece que os Marats vão pouco a pouco reconhecendo que é ridiculo andar um homem de hoje fazendo a propaganda da politica da Guilhotina e do Carcere. Se assim é, Deus seja abençoado, porque está dando juizo a esta gente!

X

O chefe de Estado é que deve a esta hora estar convencido de que mais vale ser descomposto do que amado pelo povo. S. ex. tem sido terrivelmente, ha duas semanas, sub-

mettido ao pavoroso supplicio da popularidade,—supplicio que a Inquisição esqueceu. Quinze dias d'este horroroso regimen de abraço, manifestação, musica e discurso derreiam um homem. Depois, inventou-se agora uma nova especie de manifestação: a manifestação ensanguentada.

A' frente da mocidade da Escola de Medicina, foram a Palacio dois moços, que das dissensões escolares sahiram com as cabeças partidas. Assim mesmo, foram levar ao Presidente da Republica dois grandes ramos festivos, sobre cujas flores cahia, gotta a gotta, o sangue dos manifestantes. E' bonito, novo e heroico. Mas, como a vista do sangue é sempre desagradavel, o Presidente da Republica, naturalmente, deve ter dito de si para si: Singular modo este de apresentar felicitações com a cabeça quebrada!

Emfim, s. ex. é forte: e, quando subiu pela primeira vez ao Itamaraty, subiu disposto a não recuar diante de sacrificio nenhum. Com calma aturou s. ex. as impertinencias, as exigencias, as descomposturas dos que queriam a paz fosse como fosse e dêsse no que dêsse,—sem demora. Com calma está aturando agora o jubilo estafante do povo. Deus o conserve assim, armado de paciencia evangelica, para felicidade nossa!

X

Ah! tenha paciencia! arme-se de paciencia, sr. Prudente... D'aqui a pouco, quando acharmos que v. ex. já recebeu homenagens e flores bastantes, voltaremos á descompostura e ao debique. Não tarda muito. Temos aqui á mão o Amapá e a Trindade.

Eu, por mim, começo já. Passei dez dias a gritar e a orar, dando vivas ao chefe do Estado e á Republica. Não posso mais, sr. Prudente! Não nasci para louvar. O que eu amo é a bella maledicencia, a bella critica azeda e fera, a bella satyra mordaz. E, pois, começo já.

Fique sabendo v. ex. que o ultimo numero do *Graphic* traz uma vista da Trindade, com este distico muito lisonjeiro para o Brasil: *english possession*. Por ahi se vê, exm. sr., que a amiga Albion está menos do que nunca disposta a entregar-nos a ilha disputada. Tambem no Amapá as cousas estão mal... Creio, não sei porque,—ou antes receio—que d'esta vez não seremos tão felizes como o fomos com o caso das Missões.

X

Emfim, a questão do Amapá vae ser submettida á arbitragem. O unico caso serio, pois, é o da Trindade. Nós precisamos recuperar aquella ilha, exm. sr.! Digam-me quantas vezes quizerem que alli só ha carangueijos e tartarugas... Que importa? faço questão daquellas tartarugas! faço questão d'aquelles carangueijos! Quero que me restituam o Morro Monumento, aquella singularissima e descommunal móle de pedra, plantada no meio da Trindade, com a fórma de um... cogumello! Deem-me de novo a minha Trindade!

Que silencio é este, Exm. Sr., que silencio é este que pésa sobre o caso da surripição da nossa ilha? Que tem V. Ex. mandado dizer a Salisbury? E Salisbury que tem respondido a v. ex.? Mexe-se a Inglaterra ou não se mexe? Sahem d'alli os Biblias ou não sahem? Veja bem, exm. sr., eu não posso estar mais tempo com juizo suspenso!

X

E preciso dizer a v. ex. uma cousa que me tem enchido as noites de patriotica insomnia. Vou suggerir-lhe uma ideia.

Note v. ex. que eu tenho a mania de possuir ideias. Girardin queria que os jornalistas tivessem uma ideia por dia: eu tenho muitas por hora. Sou um sacco de ideias: é só metter em mim a mão e retiral-a cheia, transbordando. Sou inexgotavel. A de hoje é esta:

Ha por aqui um certo numero de cidadãos que não queriam e mostram não querer ainda a paz. A prova d'isto é que desataram a quebrar a cabeça dos que dão *vivas* á Paz. Ora, Exm. Sr., quem não quer a paz quer a guerra. Para que esses cidadãos sejam felizes, é preciso que se lhes dê uma guer-rasinha, qualquer, bem boa, com bastante polvora, bastante fumo, e bastante sangue. Bem! o dever de v. ex., como chefe da nação, é promover, por todos os meios ao seu alcance, a felicidade da Republica em geral e de cada um dos cidadãos em particular. Se ha cidadãos que querem guerra e com ella serão felizes, porque não hadé v. ex. fazer-lhes a vontade?

X

Ouçá, exm. sr.! mande armar em guerra um navio, metta dentro delle todos os esquentados cidadãos que não amam

SYMBOLISMOS DO SECULO XIX



A PAZ

(SANGUESUGAS DISFARÇADAS EM SERPENTES)

A "SALETA"



1895 OS CRITICOS
— ah! um peru!... Que palpito!...

MACHADO DE ASSIS

a paz, e mande despejal-o na Trindade, mesmo ao pé do Morro Monumento. E elles que se arranjam em guerra com os inglezes! elles que, arremessando sobre os subditos de Sua Magestade Britannica as formidaveis tartarugas que povoam a ilha, quebrem com essas poderosas machinas de guerra as cabeças dos audazes invasores, poupando a minha cabeça e as do que, como eu, nunca invadiram nem pretenderam invadir a Trindade.

Assim, ficará a ilha limpa de inglezes, e a rua do Ouvidor limpa de guerreiros.

X

Essa é, Exm. Sr., a ideia luminosa que me ocorreu hoje. Dou-a de graça. Se V. Ex., como de justiça, não gosta de receber cousa alguma de graça, tem um bom meio de m'a pagar: é aceitá-la. Aceite-a, e recupere a Trindade. Porque, fique V. Ex. sabendo d'isto:

Quero já para aqui a Trindade, que foi de meu pae, é minha, e ha de ser dos meus filhos!

L. F.



CANTICOS

(Collaboração inédita)

I

PSALMO TRISTE

Olhos azues, olhos serenos... extinctos, sem mais brilho! Sei bem porque não tendes mais fulgor... Foram as estrellas do céo, as ciumentas estrellas, que pediram ao bom Deus que vos extinguisse.

Pobres olhos azues sem claridade!

Faces, faces lyriaes, brancas e immaculadas, sei bem, sei bem a origem d'essa pallidez marmorea... Foram as rosas ciumentas que pediram ao bom Deus que fanasse as rosas que tinheis d'antes, faces lyriaes, brancas e immaculadas...

Harmonias da voz, dulcias de harpa suavissima, hymnos da bocca cor de rosa, calastes-vos... sei bem, sei bem porque! Foram os ciumentos gaturamos que pediram ao bom Deus que vos calasse...

Louros cabellos, louros cabellos prefulgentes, sei bem, sei bem porque os coveiros vão esconder-vos na terra profunda! Foram os raios do sol que, de ciume, pediram ao bom Deus crime tamanho...

Dobra a finados, triste, tunerario, um pobre coração. Sei bem porque lastimas, sei bem porque, magoado coração! Sofres, porque o bom Deus ciumento, vendo tamanho amor na terra, levou para o Jamais immoto o coração que era o teu relicario...

II

A CEREJEIRA

Tiritam no fundo da cabana, muito aconchegados, rosto contra rosto, as mãos nas mãos, enquanto o vento cruel estorce as ramarias e guincha pelas florestas funerariamente. Uivam de frio e pavor os cães das herdades longinquoas. Ha lamentos errantes. Longe, as arvores parecem esqueletos embrulhados em compridas alvas. E os dois, unidos, tiritam, n'um canto humido da cabana, sem lume, sem cobertura.

Emtanto, podiam fazer fogo confortavel: e o homem, se quizesse, sem andar muito, teria lenha para todo o inverno. Perto da cabana havia uma grande cerejeira, a maior do logarejo. Dois ou tres galhos bastariam para aquecel-os; e que bom que é o cheiro do pão da cereja quando é resinoso!

Apezar das falas da mulher, o homem não se movia, preferia passar a noite inteira ao canto, tiritando, transido, quasi a morrer gelado, a ir cortar um ramo da arvore. E a todas as instancias da companheira respondia com estas palavras:

— A cerejeira não! Já não te lembras? Foi á sua sombra, debaixo dos seus ramos, que, uma tarde, trocámos o primeiro beijo. E, depois, quem nos dará flores, quando o inverno fór, quando voltar a primavera azul? Quem nos dará flores? Quem recordará o nosso noivado? A cerejeira não... a cerejeira não...

E os dentes começam a tiritar de novo.

Coelho Netto.



OS ANÕES FEITICEIROS.

(CONTO PARA CRIANÇAS)

Manoel Fonseca e Joaquim Cardoso sahiram um dia de casa, deixando a pobre aldeia onde moravam, para correr mundo, procurando trabalho em que ganhar honradamente a vida.

Ao cabo de muitas semanas de jornada, longa e difficil, cheia de privações, á hora do anoitecer, enquanto caminhavam por uma floresta, cansados de tanto andar, ouviram imprecistamente os sons longinquoos de uma deliciosa musica, cada vez mais distinctos, mais sonoros, á proporção que se iam approximando.

Era uma harmonia extranha, mas tão suave ao mesmo tempo, tão encantadora, que esqueceram a fadiga sentida depois de tão penosa viagem, para se encaminharem a toda a pressa em direcção ao logar de onde pareciam vir aquelles dulcissimos sons.

A lua brilhava, magestosa e clara, quando chegaram á encosta de um outeiro pouco elevado. Ahi viram numeroso grupo de pequeninos homensinhos e pequeninas mulheresinhas, dansando, de mãos dadas, fazendo roda, como na brincadeira da *Sinhá vivinha das bandas d'além*.

No centro, estava um velhinho, mais bem vestido que os outros, imponente, com a sua longa barba muito branca, que lhe chegava até quasi os joelhos.

Assim que o velho — que era o rei daquelles anõesinhos — avistou os dois companheiros, fez-lhes amistososo signal com a mão, para que se approximassem. Os dansarinos abriram a roda, deixando passagem franca.

Joaquim Cardoso, que era um pouco corcunda, e ousado como a maior parte das pessoas assim defeituosas, penetrou no circulo, sem a menor hesitação. Manoel Fonseca, mais acanhado e timido, vendo a resolução do camarada, resolveu-se a imital-o. Fechou-se em seguida a roda dos alegres foliões, que recommearam as suas músicas, bailados e cantigas.

Os dois amigos estavam admirados. Era a primeira vez que viam homens e mulheres, perfeitos como todo o mundo, sympathicos, bonitos, bem trajados, com a unica differença de que o mais alto não chegava a ter um metro.

Contemplavam com espanto aquella scena, quando cessou de subito a cantoria. O anãozinho-chefe, sahindo do logar em que estava, tirou da algibeira uma grande navalha afiada e reluzente, dirigindo-se para elles.

Sem pronunciar palavra, n'um abrir e fechar d'olhos, agarrou os dois viajantes — primeiro um, depois o outro — e raspou-lhes completamente a cara e a cabeça.

Em seguida falou: — « Vocês fizeram muito bem em consentir que eu os barbeasse. Em paga, vou dar-lhes um presente. Levem consigo um bocádo d'aquelle coke que alli está. »

Apontou para um monte de carvão que havia ao lado; e os dois, obedecendo, encheram os bolsos de pedras de varios tamanhos, embora não pudessem atinar para que serviriam ellas.

Sahindo d'alli, caminharam para a villa mais proxima. Na estalagem onde pernoitaram, de tão fatigados, que estavam, dormiram assim mesmo vestidos, esquecendo-se até de tirar os pedaços de carvão de pedra que haviam guardado nas algibeiras das calças.

Pela manhã, ao despertarem, quando iam levantar-se, sentiram-se extraordinariamente pesados, quasi sem poderem mover-se.

Lembraram-se, então, do presente dos anõesinhos e foram vel-o.

Em vez dos pedaços de coke, feios e pretos, foi com surpresa e contentamento que encontraram lindissimos e enormes diamantes de extraordinario valor. Em logar, tambem, da cabeça pellada e da cara lisa que cada um d'elles tinha ao adormecer, viram-se remocados, com bons cabellos e bellas barbas.

Estavam ricos. Mas o corcunda Joaquim Cardoso não se contentou com a sua sorte. Não quiz continuar a jornada n'aquelle mesmo dia; e, mal anoiteceu, dirigio-se sózinho — porque Manuel Fonseca recusára-se a acompanhá-lo — para a montanha dos anõesinhos.

Chegado ahi, repetiu-se ponto por ponto a scena da vespera. Depois que o rei dos anões o barbeou, mandou-o apanhar o carvão.

Joaquim, que se tinha prevenido, encheu dois grandes saccos, e transportou-os difficultosamente á hospedaria, arfando de cansaço, suando com abundancia.

No dia seguinte, despertou cheio de curiosidade, pela madrugada. Correu pressuroso a vêr os saccos. Ao abril-os, centenaes de sapos pularam-lhe em cima, invadindo o quarto.

Ficou desesperado, mas lembrou-se de que era ainda muito rico, possuidor dos brilhantes da primeira noite, que havia guardado dentro de uma caixa. Foi contemplal-os: porém haviam tornado á sua primitiva fórma. E elle estava outra vez pauperrimo, como sahira de sua aldeia!

Para cumulo do caiporismo, e castigo da sua desmedida ambição, viu-se sem um fio de cabelo ou de barba, e a sua corcunda augmentára de tamanho.

Manuel Fonseca, consolou-o, pondo á sua disposição metade dos diamantes que possuia, depois de aconselhá-lo a que para o futuro, não fosse tão ambicioso de riquezas, e se contentasse com a sorte.



Heitor Vasco.



THEATROS

Ah! se eu tivesse doze contos de réis! se eu tivesse doze contos de réis!...

A's vezes chego a pensar no suicidio. E' um direito! é um direito de quem se sente mal aquinhado por Deus, na distribuição pareial e injusta que Elle faz dos bens terrestres! Porque tem o conde de Figueiredo dez mil contos? Porque é que o meu tio Orozimbo é dono da Fazenda do Descalvado? Porque é que o sr. Mayrink é dono do palacete Nova Friburgo? e porque é que eu não tenho dinheiro nenhum? e porque é que eu não sou dono de nada, nem mesmo do meu nariz?... Chego a pensar no suicidio, como n'uma carta de alforria, quando penso n'isto! Vejam os senhores; preciso agora de doze contos de réis e...

— Para que?—perguntarão. Para tomar um quinhão da Empreza Constructora de um theatro digno de nós,—empreza de que se fez propagandista o meu illustre collega Arthur Azevedo. Segundo Arthur, seiscentos contos nossos bastariam para a construcção de um theatro igual ao de *D. Amelia*, em Lisboa. Os quinhões seriam 50, de 12 contos cada um. Em dois annos, se tanto, teriamos um theatro nacional, e ficaríamos livres d'essas hediondas estrebarias? a que se acolhem hoje, no Rio de Janeiro, as companhias que veem do estrangeiros... Ah! se eu tivesse doze contos!...

Não tenho! Tenho inimigos, tenho rheumatismos, tenho mais de vinte annos, tenho dyspepsia, tenho credores, tenho muitas cousas: mas não tenho doze contos de réis! Parece impossivel, mas é certo. Assim, não posso dar ao meu amigo Arthur Azevedo a mais clara prova da minha adhesão á sua bella ideia, tomando um dos quinhões da empreza. Mas, quem dá tudo quando tem, fica com a consciencia tranquilla... Dou á ideia o applauso d'esta columna, e faço votos para que os favorecidos da fortuna lhe deem um apoio mais efficaç do que o meu.



Está dando excellentes representações no Lyrico a companhia dramatica Italiana Modena. O sr. Cuneo é um bom actor, modesto, sem grandes pretensões. Zaira Tiozzo é bonita e intelligente. As peças são boas. Mas o publico não vae lá. Peior para elle!

Such.

O COLOSSO DO JARDIM BOTANICO



Comprados os biscoitos para a Lezi - XYZ. parte a esperar o boné



E esperamos pacientemente a lembrar-se que em outras cidades as companhias de viação conhecem estações onde os viajantes podem esperar os carros ao abrigo de chuvas e de soafheiras.



depois o direito - é uma distração.



Vinte minutos depois a enchurrada é de tal ordem que elle nauagea pelas ruas da cidade com vento S.O. Sem escala pelo Flamengo, infelizmente.

Entretanto, como a agua sobe, para não molhar os dois pés ao mesmo tempo, levanta primeiro o esquerdo



EPILOGO.

J. V. MACHADO